



TOMO XXII

Nº. 7

Julho de 1981

BLUMENAU

em **CADERNOS**

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.-Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXII

Julho de 1981

nº 7

S U M A R I O

Página

FIGURAS DO PASSADO	194
MARCOS HISTÓRICOS - RELIGIOSOS DO IMIGRANTE	201
NO CENTENÁRIO DE CURT HERING	202
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	206
REVELAÇÕES DO ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU	210
VOCÊ SABIA?	211
SOCIEDADES	212
ACONTECEU... Junho de 1981	213
CRISPIM MIRA	215
ACAMPAMENTO ESCOTEIRO	217
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	218
CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — IV	219
MANOEL PEREIRA DA SILVA JR.	220
UM ESCLARECIMENTO	222
BIBLIOTECA AMBULANTE ENTREGA PRÊMIOS	223
FUNDAÇÃO FAZ PALESTRAS	224

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 200,00

Número avulso Cr\$ 20,00 -- Atrasado Cr\$ 30,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 200,00 mais o porte Cr\$ 150,00 total Cr\$ 350,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

FIGURAS DO PASSADO

(Por Frederico Kilian)

HERCÍLIO ARTUR OSCAR DEEKE

Não obstante "BLUMENAU EM CADERNOS" já ter focalizado a figura deste ilustre cidadão, no Rol dos "Administradores de Blumenau" em seu Tomo N° IV, não podemos deixar de prestar, nestas linhas, justa e merecida homenagem a este ilustre filho e servidor incansável de Blumenau, pelo muito que tem realizado, não só em prol de Blumenau, como também a toda a região do Vale do Itajaí e ao Estado, no âmbito de suas variadas atividades, quer como Prefeito Municipal, vereador, deputado federal e Secretário da Fazenda do Estado, quer como homem de finanças na gerência de importantes casas bancárias e ainda como incontestado líder político de Blumenau.

HERCÍLIO ARTUR OSCAR DEEKE, nasceu a 15 de Julho de 1910, na atual cidade de Ibirama, sede da então administração das Colônias Hanseáticas, das quais seu pai — José Deeke, — foi o diretor com residência na localidade que àquela época se chamava "Hammonia". (Este nome significa "Hamburgo", cidade e porto alemão, onde era situada a sede da "Sociedade Colonizadora Hanseática", fundadora e responsável pelas Colônias Hanseáticas — "Hansa-Hammonia" (Ibirama), — "Hansa Humboldt" (Corupá), — "Itapocu" em Joinville e um núcleo colonial em São Bento do Sul. — "Hammonia" foi a denominação dada pelos invasores romanos no início da era cristã, à mais importante das cidades hanseáticas da Alemanha).

Não sendo a colônia Hansa-Hammonia, em 1910 ainda distrito autônomo do município de Blumenau, mas pertencente ao distrito de Indaial, sede do Juízo de Paz e Registro Civil do referido distrito, foi o nascimento de Hercílio Deeke registrado no cartório de Indaial, tendo esta circunstância suscitado o equívoco de alguns historiadores, de que Hercílio Deeke teria nascido em Indaial, onde, forçosamente, fora apenas registrado o seu nascimento.

Foi batizado em Blumenau, por ocasião de uma festa familiar em casa de seus avós maternos (Carlos Rischbieter e Hedwig, nata Clasen), a 10 de Outubro de 1910, na Igreja evangélica do (Espírito Santo", juntamente com sua irmã Ilse, nascida em 1909, e a prima Wally Rabe.

Foi confirmado em 1924 na mesma igreja, encontrando-se ele, então estudando no Colégio "Santo Antônio" de Blumenau.

Fez os primeiros estudos em Ibirama, na escola daquela sede, pertencente ao "Schulverband Hansa" — (Associação Escolar Hansa) — cujo presidente, o pastor Dr. phil. Raul Aldinger, foi também, durante anos, o seu professor particular, como o de todos os seus irmãos, tanto em algumas matérias básicas, como principalmente, em geografia, história universal, história da arte e literatura, etc., proporcionando este professor aos alunos bons conhecimentos gerais. Teve respec-

tivas aulas também, mais tarde, em matemática, com o sucessor do Dr. Aldinger, o pastor evangélico Hermann Grimm.

Após este estudo elementar ampliado, foi êle matriculado no Colégio "Santo Antônio" de Blumenau, onde foi aluno exemplar. Formou-se no Curso de Contadoria de então, onde também teve a devida instrução militar, sob o comando do instrutor militar, sargento João da Matta, que também era o instrutor e responsável pelo treinamento do "Tiro de Guerra" local, prestando, após aprovado no curso mili-



Hercílio Deeke

tar, juramento à Bandeira e recebendo o Certificado de Reservista de 2ª categoria.

Encaixamos aqui um episódio relacionado à sua qualidade como reservista. —

Em Outubro de 1930, quando as tropas revolucionárias de Getúlio Vargas já dominavam em Blumenau, onde aliás não haviam encontrado resistência militar, Hercílio foi envolvido nas lutas milita-

res. Uma escolta de requisição de recrutas e reservistas, para formar um contingente de reforço às tropas revolucionárias, entrou inopinadamente no Cine Busch, durante uma sessão cinematográfica, apanhando de surpresa os jovens aí presentes, entre estes também Hercílio e o irmão mais novo, Victor Deeke.

Foram embarcados imediatamente num caminhão de carga e levados à "frente de batalha", no litoral catarinense. A Capital do Estado — Florianópolis — não havia se rendido e receiavam os revolucionários o desembarque de fuzileiros navais pela Marinha de Guerra, fiel ao Presidente Washington Luis e ao presidente eleito Julio Prestes, a qual patrulhava a costa catarinense.

Hercílio seguiu com um pelotão de vanguarda para Biguaçu. Foram aquartelados em uma capela, no alto de uma colina.

Pouco após a chegada, entretanto, o comandante do pelotão mandou levantar acampamento, considerando o local boa mira para os canhões dos navios de guerra. Realmente, pouco depois de terem abandonado a capela, a mesma foi arrasada pelas granadas vindas dos navios. Hercílio e seus companheiros ficaram satisfeitos por terem escapado de um destino fatal: Hercílio ainda mais, por tratar-se de uma causa que ele não abraçara. Ao contrário de seu irmão, que foi um entusiasmado adepto da ação de Getúlio, Hercílio, de temperamento conservativo, era republicano convencido, como seu pai. — Mais tarde integrou-se na UDN, enquanto seu irmão Victor era filiado ao PSD.

Após o termino do estudo no "Santo Antônio", Hercílio trabalhou durante anos, no escritório da "Hanseática", tempo que ele classificava de "Perdido". Ingressara nesta atividade, enquanto esperaria a comunicação para a apresentação ao exame de admissão no "Instituto Politécnico de Santa Catarina", em Florianópolis. Como a informação não chegasse a tempo, perdeu ele o prazo para a inscrição. O Instituto não estava ainda reconhecido consoante as novas normas federais, comentando-se que seria extinto, o que de fato ocorreu.

Muito pezaroso, Hercílio permaneceu no cargo, enquanto seu pai não se decidiu a matriculá-lo em outra Faculdade de Engenharia do país.

Quando o pai de Hercílio demitiu-se, em 1928, de seu cargo de diretor das "Colônias Hanseáticas", mudando-se, em 1929, para Blumenau, Hercílio passou a trabalhar, como auxiliar, no cartório de Registro de Imóveis da Comarca, a cargo de seu parente Roberto Baier.

Após pouco tempo como cartorário, passou para o quadro de funcionários da antiga "Caixa Agrícola", abraçando, assim, o setor bancário, que ele não mais abandonaria. Transformada a "Caixa Agrícola" em "Banco de Indústria e Comércio de Blumenau", ele chegou a ser o gerente e posteriormente diretor do estabelecimento. Após a fusão deste empreendimento bancário com o "Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina" (INCO), ele integrou, desde 1941, a diretoria do mesmo e o posto de vice-presidente, em 1964.

Ocupou ainda a vice-presidência da "Patria Seguros Gerais" —

foi presidente da "Cia. Melhoramentos de Blumenau", construtora e proprietária do Grande Hotel Blumenau.

Fundou uma indústria própria, a "Porcelana Condessa" S.A., para a qual, porém, não conseguiu técnicos competentes, razão pela qual vendeu o empreendimento, após muitas perdas econômicas. Os sucessores encerraram as atividades, também por circunstâncias criadas pelo mesmo fator. Naquela propriedade e edificações aí existentes e hoje ampliadas, foi instalada a "Fábrica de Chocolate Saturno", pertencente hoje, por maioria de ações, a seu filho Niels Deeke em sociedade com o Sr. João Arno Bauer.

Durante a II^a Guerra Mundial e a entrada do Brasil no conflito, Hercílio pôde atuar bastante em prol das causas da comunidade blumenauense, muitas vezes mal interpretada pelas autoridades brasileiras, já que tudo que se relacionava à vida da comunidade era tido como suspeito pelos nativistas, uma vez que os costumes sociais e as tradições dos blumenauenses, cujo uso do idioma alemão era geral, principalmente no interior, eram diferentes aos costumes dos seus compatriotas brasileiros de descendência romana ou outras origens raciais.

O fato de Hercílio usar habitualmente o vernáculo, também no seio de sua família, já que sua esposa pouco conhecia o idioma alemão, e o de ocupar destacada posição na vida econômica e social de Blumenau, valeu-lhe muito no contato e relações com as autoridades brasileiras e forças políticas nesta época, bem como na apreciação, por parte daquelas, dos argumentos e razões expostas por Hercílio em defesa da comunidade blumenauense e suas instituições comunitárias. — Mas nem sempre tudo foi muito fácil.

Assim, certa ocasião, um comandante do agrupamento do exército aqui aquartelado, teve a intenção de integrar o "Hospital Santa Catarina" ao exército, como "Hospital do Exército de Santa Catarina", exigindo de Hercílio, que este, como presidente da entidade hospitalar, lhe passasse, pura e simplesmente, aquela peça com o seu terreno e todas as suas instalações. Hercílio não cedeu à pressão exercida, dizendo que faria a entrega unicamente por ordem das instâncias competentes do Governo e que o coronel deveria usar as vias legais para o seu intento. Este foi então em companhia do então prefeito municipal de Blumenau, procurar o Interventor de Santa Catarina, pedindo a sua interferência. Esta autoridade negou-se a concordar com a proposta e a decretar a desapropriação. Não queria criar conflitos com quaisquer comunidades religiosas (o Hospital é propriedade da Comunidade Evangélica de Blumenau) e que, além do mais, já bastavam ao governo estadual as dificuldades experimentadas com a administração do Hospital "Miguel Couto" de Ibirama, desapropriado pelo Estado. Ante a firme atitude e categórica resposta do Interventor, que não aprovaria nem permitiria o confisco e a realização do plano pretendido, este foi posto de lado, mas mesmo assim, para Hercílio foi preciso muita força moral para resistir às pressões nas circunstâncias e época em que estas lhe eram feitas.

Foi, porém, na sua vida político-partidária e administrativa pública que Hercílio Deeke mais se destacou.

Filiado, como seu ilustre pai, ao então Partido Republicano, orientado por Hercílio Luz, os irmãos Konder e outros ilustres catarienses e, seguindo mais tarde a mesma orientação política na UDN, foi Hercílio eleito pela legenda deste partido para o cargo de vereador, à Câmara Municipal de Blumenau, para o período de 1948-1951.

Em 1950, ano do centenário de Blumenau, de cuja Comissão de Festejos foi presidente, foi ele eleito, em 3 de outubro desse ano, por expressiva maioria de votos, para o cargo de Prefeito Municipal para o quinquênio de 1951 a 1956. Assumiu a Prefeitura em 1.º de janeiro de 1951. De suas obras realizadas durante os 4 anos que exerceu a chefia municipal, destacam-se as seguintes: a) Retificação, alargamento e calçamento da Rua 7 de Setembro; b) construção da Estação Rodoviária; c) construção da ponte "Adolfo Konder" sobre o Rio Itajaí-Açu, no centro da cidade; d) extensão da rede de água potável para o bairro de Ponta Aguda; e) mudança do Asilo de Velhos para instalações mais amplas e confortáveis; f) continuação das obras do Hospital "Sto. Antônio"; g) completou a planta topográfica da cidade; h) construção de várias escolas municipais, entre as quais a "Professor Ostermann", no bairro Boa Vista, em comemoração ao centenário da instalação da primeira escola pública no município, fato que entre outras festividades foi lembrado com a aplicação de um carimbo comemorativo pela agência local dos Correios e Telégrafos.

Ainda no exercício do cargo de Prefeito Municipal, foi eleito, em 1954, deputado federal, tendo por isso, renunciado em 26 de janeiro de 1955 ao cargo de Prefeito, para assumir a sua cadeira na Câmara Alta, no Rio de Janeiro, para onde se mudou.

Em 1956 licenciou-se deste cargo, para, a convite do Governador Irineu Bornhausen, assumir o cargo de Secretário da Fazenda do Estado, tendo sido mantido neste cargo pelos seus sucessores no Governo Estadual, Jorge Lacerda e Heriberto Hülse.

Durante a permanência na Câmara Federal, foi um legítimo representante dos interesses de seu Estado e carreou muitas verbas federais para obras de vulto no Estado e no Vale do Itajaí.

A frente da Secretaria da Fazenda do Estado, conseguiu do governo estadual substancial subvenção para o início da construção do prédio da Biblioteca Pública, a cargo da Sociedade dos Amigos de Blumenau, como também a aplicação de outras verbas para obras no município de Blumenau.

Exerceu o cargo de Secretário da Fazenda do Estado até o ano de 1960, quando se demitiu para desincompatibilizar-se para a candidatura de prefeito de Blumenau, para o período de 1961-1966.

Eleito, pela 2.^a vez, Prefeito Municipal de Blumenau, em 1960, assumiu a chefia do Executivo Municipal, em 31 de janeiro de 1961.

Teve logo de início, o Governo do Estado e a maioria da Câmara de Vereadores contrários à sua orientação político-partidária, erianando-lhe estes, principalmente durante os dois primeiros anos do quinquênio, uma série de problemas, dos quais decorreram transtornos de graves conseqüências, para o Município, além de ter enfrentado também a galopante desvalorização da moeda. O salário mínimo de Cr\$ 7.200 em 1960/61, foi até Cr\$ 60.000, em 1965.

Não obstante todas estas adversidades, sua segunda gestão no Governo Municipal foi ainda mais atuante em termos de realizações de vulto, destacando-se, entre outras realizações administrativas, a reconstrução de parte do Paço Municipal, destruída pelo incêndio de 1958, recuperando-o para instalações do serviço municipal. A aquisição do terreno para o Ginásio Industrial Comendador Arno Zadrony, no bairro da Garcia e a construção deste estabelecimento, bem como a aquisição de uma grande área de terras no bairro da Velha para o Pavilhão e Parque Permanente de Exposições e o Centro de Educação Física e a construção do Pavilhão "A" da PROEB, foram realizações da sua segunda gestão.

Seria longo demais fossemos assinalar todas as obras realizadas nesse período administrativo de 1961-1966, porém, merecem menção ainda as seguintes realizações:

Construção de 40 pontes, algumas de grande envergadura e a maioria de concreto armado, destacando-se a que foi construída sobre o Ribeirão Garcia, no início da Rua 7 de Setembro; a construção do novo prédio para a Biblioteca Pública Municipal "Dr. Fritz Müller" e a reforma do prédio que abriga o Museu da Família Colonial; remodelação da Praça Hercílio Luz e construção, no local, do Monumento aos Voluntários da Pátria como justa homenagem aos colonos blumenauenses que tombaram nos campos da Guerra do Paraguai; na área do ensino, a ampliação da rede escolar, com construções de novas salas de aulas e novos prédios escolares, merecendo menção, entre os doze novos prédios, as escolas — "General Lúcio Esteves", "Almirante Tamandaré", "Lauro Müller", "Duque de Caxias" e "Pastor Faulhaber". A criação, como autarquia do município, da Faculdade de Ciências Econômicas, foi um ato decisivo para o desenvolvimento do ensino superior em Blumenau e em toda a região do Vale do Itajaí, concretizado nos atuais dias na FURB, com suas diversas faculdades em pleno desenvolvimento; o início da construção do Hospital Infantil e da Avenida Beira Rio; intenso desenvolvimento do programa de pavimentação de ruas, beneficiando as vias públicas do município e da cidade, entre elas a Rua João Pessoa e a Avenida Brasil; ajardinamento da Alameda Duque de Caxias e construção de várias praças ajardinadas, o que veio motivar ser Blumenau apelidada "Cidade "Jardim"; a canalização do Ribeirão Bom Retiro e prolongamento da Rua Rodolfo Ferraz até à Rua Floriano Peixoto; instituição da Bandeira Municipal e criação da Banda Municipal, do Departamento

Municipal de Turismo e da Comissão Municipal de Esportes; restauração da "Casa Dr. Fritz Müller"; aquisição de uma área de terras dos Padres Franciscanos, mediante reflorestamento do "Morro dos Padres" e desmonte de parte do mesmo com utilização do material para o aterro nas cabeceiras da ponte do Ribeirão Garcia e vários outros aterros; abertura da Rua Presidente Kennedy; ampliação do Hospital "Santo Antônio" e construção da capela e necrotério junto ao mesmo e outras obras mais.

Após o término de seu mandato em 31 de janeiro de 1966, teve Hercílio Deeke o infortúnio de perder, em 28 de julho do mesmo ano, em trágico acidente de trânsito, a sua esposa Da. Namy Grossenbacher Deeke, com a qual contrairá matrimônio a 18 de fevereiro de 1936.

Desde então manteve-se afastado da vida pública, mas conservando ainda a liderança política de seu partido. Cada vez mais debilitado pela doença, retraiu-se também mais da vida política, mas não se desinteressando da mesma, sendo sempre muito procurado e consultado por seus correligionários.

Pouco aparecendo em público, foi-lhe ultimamente até quase impossível o comparecimento às reuniões do Conselho Curador da Fundação da "Casa Dr. Blumenau" cuja presidência ele ocupou desde o início até maio de 1977, quando, pelo agravamento do seu estado de saúde, solicitou não ser mais reconduzido à mesma, no que foi atendido.

Hercílio Deeke veio a falecer no dia 19 de setembro de 1977.

Com a morte de Hercílio Deeke, Blumenau perdeu um dos mais, senão o mais destacado cidadão e filho da nova geração, nascida no presente século. Tendo ele herdado de seus pais o pendor para o estudo do passado blumenauense, o culto às nossas tradições, o interesse pela obra que os nossos antepassados realizaram no Vale do Itajaí, foi Hercílio Deeke, principalmente quando Prefeito de Blumenau, por dois mandatos, e como Secretário da Fazenda do Estado, o maior benfeitor da entidade cultural "Casa Dr. Blumenau", posteriormente transformada em Fundação, especialmente na organização e modernização da Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller", junto com o seu grande amigo José Ferreira da Silva, fundador de "Blumenau em Cadernos" que dele teve sempre incondicional apoio.

Blumenau, em 15 de julho de 1978.

Frederico Kilian

(Bibliografia: Relatórios dos Negócios Administrativos do Município de Blumenau; noticiários em jornais locais; Dados biográficos no Arquivo Municipal; dados fornecidos pela Sra. Crista Deeke Barreto e anotações do autor quando Oficial de Gabinete do Prefeito em sua 2.^a gestão).

Marcos Histórico-Religiosos do Imigrante

P. Victor Vicenzi

Longe da Europa, de sua pátria e seus costumes, os imigrantes, especialmente italianos, alemães e poloneses, tiveram na fé, a sua maior segurança.

Já em viagem, através do Oceano Atlântico, devido a enfermidades diversas, alguns morriam. Seus cadáveres eram jogados então ao mar, mas como se fora um verdadeiro sepultamento. Fazia-se o velório e acompanhava-se o morto com orações e cantos dirigidos por um leigo capaz de fazê-lo, até que as águas envolvessem o corpo.

Assim que os imigrantes tomassem posse das suas colônias, era necessário escolher, também, um lugar sagrado para colocar aí seus mortos, sepultados com muita dor e oração, sem acompanhamento do sacerdote.

Dessa forma, surgiram os primeiros cemitérios, que eram verdadeiros sinais materiais do espírito religioso do imigrante.

A cruz, as flores, o cercado para a proteção dos túmulos, as visitas constantes, o lugar de destaque em que se situaram os cemitérios, tornou-se o primeiro lugar de culto e de expressão religiosa dos imigrantes.

O enterro foi, também, a primeira experiência de solidariedade comunitária em que o grupo tinha que, às pressas, decidir-se por um lugar para enterrar, fazer uma caixa mortuária, abrir uma cova, preparar a cruz, colher flores, realizar a procissão, fazer orações e abençoar o túmulo.

Esta necessidade desencadeou toda uma iniciativa religiosa espontânea entre os fiéis leigos, que os fez logo recordar e reviver, com saudade, suas comunidades deixadas na Itália, Alemanha e Polônia, com suas igrejas, campanários, cemitérios e escolas.

Outro marco religioso, entre eles, depois do cemitério, foi o surgimento dos capitéis ou capelinhas.

Quem tivesse um quadro de santo, trazido da Europa, ou quem soubesse esculpir uma estátua de madeira, prestava-se para que o capitel tivesse a imagem de sua devoção.

A origem do capitel, teve como consequência os núcleos, que se agrupavam ao seu redor, aos domingos e dias de festa, por falta de igrejas.

Diversos desses capitéis, desapareceram com o surgimento das capelas ou igrejas nas localidades.

Assim se entende, porque em Rodeio, Ascurra, Rio dos Cedros, Massaranduba, Luís Alves e outras comunidades, ainda exista alguns vestígios deles, como prova de sua religiosidade.

Em Rio dos Cedros, o primeiro capitel, foi sem dúvida, o de N. Sra. de Lourdes, em Pomeranos, fruto de promessa do célebre mestre, Giovanni Trentini. Esse capitel foi demolido e depois refeito

no interior da igreja N. Sra. das Dores, entre os anos de 1935 a 1946. Entretanto, a comunidade local, afirma que, depois disso sobrevieram diversos fenômenos inexplicáveis, no dia da festa de cada ano, celebrada aos 11 de fevereiro, talvez como sinal de protesto à mudança.

Um outro capitel foi erguido em honra de São José, no Centro Central, por Giuseppe Campestrini, em 1880, também, fruto de promessa.

Onde se nota ainda, de modo especial, vestígios mais significativos desses marcos de fé, é ao longo da estrada de Rodeio.

Desaparecendo muitos capitéis, desapareceram, também, muitos sinais do sagrado e quebra-se a história continuada da religiosidade do povo.

Não se deve desconhecer o início da história de fé, que se professa, tenha ela partido de um capitel ou de uma igreja. Para Deus a grandeza do lugar é menos importante que a grandeza do coração.

No Centenário de Curt Hering, as evocações de um legado de valor moral, clarividência e civismo

Valfrido Piloto

São dois peixinhos. Duas silhuetas fáceis de imaginar e de colocar em xis. No entanto, transcendem a todos os valimentos da simbologia com que a tradição, o devotamento, a justiça, procurem situar-se na atenção dos espectadores. Daí eclodir, logo, por todos os recantos do Brasil e em longes terras, o significado: "É a Hering!". Isso se ouve, num envolvimento de simpatia, porque, apesar de tudo, as coisas úteis ainda empolgam consciências e curiosidades. Não há, mais, necessidade de propaganda a respeito do que, nesse emblema, se deve destacar. Por entre as dignificantes coisas do nosso país, tem-se de enaltecer o imenso esforço de intuição criadora, de presença quase lendária, enfim de realidade incrível, consubstanciado no "status" de prestígio a que chegou a renomada empresa de Blumenau. Devassar os meandros de sua origem centenária e os passos de sete léguas do seu progresso, é um dos mais salutares, prêmios conferidos a quem permaneça teimoso em acreditar, piamente, nos benéficos prodígios de que é capaz a muitas vezes decepcionante insatisfação humana.

Esta se impôs providencial, pois acionou primores naqueles idos e pelos tempos adiante. Os dois irmãos, Hermann — que no consenso da família seria o "empresário", — e Bruno, — pela prevalência de certos atos, o "humanista", — entrelaçaram o refervente vigor de um atavismo sempre miraculoso, e se fizeram raízes másculas, iniciando na "Guebrueder Hering", atuante em Tannhausen, na Silésia,

uma escalada a transpor, depois, o oceano e quaisquer desafios. Um duro obstáculo já fôra o da bancarrota vienense de 1875, após a unificação do Estado Alemão, advinda do conflito Franco-Prussiano. Periclita a firma da dupla. Voltam à Saxônia, para maior alento. Procuram sobrenadar à imensa crise, e é quando Hermann tem notícia da colônia fundada, no Brasil, por um dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. O valente peixe se entusiasma, e como é também precavido, faz ficar para trás a sua família já de muitos filhos, e sua firma com Bruno à frente, e vem bater com os costados dos seus 43 anos, nas florestas do Vale do Itajaí, lá por 1878.

O transcurso de mais dois anos é um desses romances de aventura, em cujos lances se há de fundamentar, para a eternidade de glórias estupendas, qualquer povo. Nosso destino nacional poderá sempre se ufanar de como começaram, aqui, etnias desse porte, insuflando na ainda periclitante brasilidade, o ânimo, o valor de seculares experiências e de bem intencionados desbravamentos. Hermann fizera vir toda a família, e, — como se assinala na história que a própria empresa hoje manda imprimir em seu supremo documento de honra, — “assim o fio rompido da antiga pátria se reatava na nova” (“A Hering de Blumenau. Um século, 1880-1980”, redação de Archibaldo Figueira, p. 15).

Sim, na nova. Aquela família trouxera sua tecelagem tal se fôra entretecida muito mais de virtudes do que de fios. Amou, desde logo e com demonstrações especialíssimas, a querência do seu recomeço, a manter generosa de tantas aspirações a quererem expandir-se como floradas de felicidade. O trabalho foi, de pronto, a primeira oferta. Produzir, definir-se, reproduzir-se. “Todos eram amigos e ninguém se envergonhava de trabalhar ou de qualquer trabalho. O tio Bruno carregava o seu cavalo, ou burro, com algumas dúzias de camisas, e saía vendendo-as de casa em casa, até Itajaí. Ao quanto sei, no começo todo o trabalho da fábrica era manual” (“Memórias”, Max Brueckheimer, na rev. “Cadernos de Blumenau”, nrs. 9 e 10, tomo X).

O tear era ainda incipiente, em círculo, a fim de preparar o tecido com que se confeccionavam as peças. Numa carta à familiares de Dresden, Bruno Hering escrevia, a 23 de janeiro de 1882, que Johana, de 15 anos, e Nanny, de 12, haviam costurado, em uma semana, nove dúzias de camisetas, cuja qualidade valera à “Guebrueder Hering” medalha de prata na exposição promovida em Porto Alegre. E, então, narra-se também isto de edificante: Naquela mostra, fôra constatado que a “Guebrueder Hering” era a única fábrica de tecidos de malha em todo o Brasil.

A aquisição de mais dois teares, marcou a necessidade de contratar operários. Começava a nova tentativa, hoje realidade esbultante. É que havia, ali, também, a tecitura de uma fibra imponderável e profunda, — a do idealismo persistente. Construiu-se, logo depois, a primeira “Machinenhaus”, a ampliar-se com melhores locais.

“Enquanto isso, — conta-nos o álbum comemorativo já citado, — entre os Hering reinava um clima alegre, o amor ao canto e ao progresso intelectual, facilitado pelas leituras recreativas e científicas feitas em voz alta. Da antiga pátria já se trouxera muito material, como a obra completa de Goethe e outros clássicos. Bruno Hering era grande admirador de Goethe, e o “Fausto”, que sabia quase que inteiramente de cor, anos depois foi colocado no túmulo” (p. 18).

Além do mais, Hermann e Bruno eram “republicanos ferrenhos”, e, com a nossa já tardia festa de 1889, “cuidaram de organizar uma associação eleitoral republicano-democrática”, juntamente com outros primazes de Blumenau, mas a dissolução, lá no centro, empreendida por Deodoro contra os legislativos de todo o país, levou os Hering a tratarem de novas espuladeiras e mais cinco teares, etc., etc. A esse tempo já acontecera, para Hermann, mais aquele guri agora com 12 anos. “A 8 de maio de 1881, — assinala o fiel historiógrafo Archibaldo Figueira, — a população da colônia (13.976, dos quais 10.024 germânicos) se viu acrescida de mais um Hering; nascia Curt, que o destino levaria, mais tarde, e se tornar o seu primeiro administrador com o título de Prefeito” (p. 17).

Aliás, à ampla família Hering raiava felicidade por todos os lados, quando espontou o século XX. Isso também para a empresa e apesar de, no período de 1893 a 99, uma inflação causar a queda de 67% no valor do mil réis. “Na família Hering as funções eram bem distribuídas: “Papa” Hering, embora amante da música, do teatro, e principalmente do canto, assumia atitude de realismo e prudência, ficando à frente dos negócios”.

Foi quando surgia a “segunda geração”. Desde 1910, o capital crescera dez vezes. Em 14, viera o passo decisivo com a fiação própria. Hermann já remetera, em 1892, o filho Max, à Europa, no sentido de que o mesmo se aprimorasse tecnicamente. “A transferência da empresa à segunda geração fôra prevista e cautelosamente conduzida por ele”.

Max retornara expedito, e agora surgia, também, a alvissareira mocidade de Curt, — “desde cedo um acentuado pendor comercial”. Seria, Curt, um novo grande nos descortinos ali imperantes. Seu pai faleceria em 1915, e aquela super “Guebrueder”, que era até a casa bancária de toda a zona, passaria a ser a atualmente famosa Hering & Cia. Enquanto “Onkel” Bruno, solteirão, lidava, nas horas vagas, em fundar a “Kulturverein” e acrescia ao seu altruísmo os objetivos sociais, Curt e todos os demais varões da família ali estavam cada vez mais compenetrados, — tudo resultando em conseguir a empresa multiplicar-se por numerosas unidades satélites, numa variada semeadura de bons produtos e de autênticos ímpetos de civilização.

Faleceria, Curt Hering, a 26 de dezembro de 1948, após assinalar, com a sua direção na empresa e a sua carreira política encerrada em 1930, etapas notabilíssimas e de grande repercussão não ape-

nas em sua cidade e em Santa Catarina, mas perante o empresariado e numerosos outros setores da vida nacional. Cumpre-nos realçar a sua memória. No bronze erigido pelas autoridades e o povo daquela cidade quando do centenário de fundação de Blumenau, houve plena complementação ao outro monumento: a gigantesca e modelar empresa que ele auxiliou a triunfar.

As comemorações do centenário de nascimento daquele ilibado e lúcido condutor, merecem revestir-se de conclamação a toda a coletividade, desde as figuras responsáveis pelas tarefas de governo, até ao mais simples dos cidadãos. De envergaduras como a de Curt Hering, o Brasil estará sempre e cada vez mais necessitando. Foi, ele, um onipresente em todas as íngremes estradas do bem-social. Se aquiesceu em enveredar, também, para a política, era porque "sempre a compreendeu como serviço à comunidade natal". Conselheiro municipal desde 1918, aceitou, "com a maior relutância", ser eleito superintendente em 1923 e reeleito em 1926. Nesse posto colheu-o a revolução de 30, e sua saída foi um gesto de impressionante dignidade.

Sobre a sua irremovível fé democrática, coube ao destacado jornalista e escritor catarinense Nemésio Heusi, numa entrevista memorável, recolher-lhe, nitidamente a palavra. Estava-se em 1942, portanto em plena II Guerra Mundial, e Curt Hering assim se expressou, alto e bom som, após fazer uma erudita digressão sobre fatos históricos do passado: "Já em nossos dias, a marcha do Keiser através da Bélgica, em 1914, atraiu fogo à Europa efervescente, e o que assistimos? Foi a guerra desumana do mesmo poder ditatorial da força contra as raízes profundas daquela democracia, que, alicerçada pelos gregos na Razão, na Justiça e na Liberdade, mais uma vez vençia as ditaduras históricas". E, mais além: "As ditaduras, o poder que se assenta no direito da força e não na força do direito, perecerão. Hitler e Mussolini não serão uma exceção à regra". Concluindo: "Estamos ainda em plena guerra, e eu lhe asseguro: está perto o fim do nazismo e do fascismo. Enganam-se os que subestimam o poder do povo, esta força poderosa que gira os destinos da Humanidade, reagindo todas as vezes que sentir fugir a liberdade, essa conquista que os séculos nos legaram como fundamento sublime do ideal democrático" ("Blumenau em Cadernos", tomo I, nº 5, e álbum do Centenário, cit, ps. 151-2).

Teve, o casal Hedwig Kleine Hering-Curt Hering, dois filhos: Ingo e Isolde. Predestinava-se, o primeiro, por direito de seus méritos de homem de empresa, e de clarividente intelectual, a tomar sobre os ombros a majestosa obra de seus ancestrais. É hoje o diretor-presidente, e tem, à sua volta, todo um respeitabilíssimo grupo de especilaistas e assessores. A ele e a todos, como o faz continuamente o povo de Santa Catarina e quantos possam ajuizar a grandeza da entrega do homem à felicidade dos seus semelhantes, o escriba aqui deixa, mais uma vez, a humildade do seu louvor, a sua pensada solidariedade, a sua espontânea e imácula preocupação de justiça.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

UM SÁBIO CHEGA À COLÔNIA

— I —

O ano de 1851 terminou com a nova serraria montada e funcionando, bem como o engenho de açúcar, mercê da grande ajuda prestada pelo pessoal do Major Agostinho.

Reinhold, os dois colonos e os demais, que só foram embora, depois de plantarem o canavial, com mudas que cederam os Lucas e os Werner, de Pocinho. Já estava quase no tempo de começarem a cortar a cana para o fabrico de açúcar e o alambique para a aguardente.

Reinhold estava feliz com a carta que recebera do pai. Correu para mostrá-la ao seu tio, perguntando, admirado:

— Tio, o Sr. conhece o Dr. Fritz Mueller?

— Conheço sim, porquê?

— Então leia a carta do papai. Ele fala nele.

Curioso e surpreso, o Dr. Blumenau leu a carta, comunicando que... o "Dr. Fritz Mueller e senhora, com uma filhinha de pouco mais de um mês e o seu irmão Augusto, hábil jardineiro e senhora, embarcaram no veleiro "Florentin", no dia 20 de maio de 1852, rumo à "Colônia Dona Francisca". Mostra a carta ao teu tio Blumenau, porque eu sei da sua amizade com o Dr. Mueller".

— Não compreendo, Reinhold, como é que o Fritz Mueller, foi para São Francisco e não para aqui.

— Será que ele sabia que o sr. estava aqui, tio?

— Sabia muito bem! Ainda em 1850, quando estive na Alemanha, com vocês em Hamburgo, antes de você e meus primeiros 16 colonos embarcarem para cá, eu estive com ele e mostrei-lhe os meus folhetos de propaganda e ele me disse que estava com vontade, por vários motivos pessoais, com a família e políticos, de abandonar a Alemanha e ir para a África ou qualquer outro lugar, bem longe da sua terra. Foi então que lhe falei da minha colônia, dos meus primeiros colonos, prestes a seguir. E ele se mostrou entusiasmado e me prometeu pensar sobre o assunto.

Antes de viajar para Hamburgo, ainda fui me despedir dele e ele me disse que estava disposto a ir para o Chile, mas, que pensando melhor, talvez viesse para o Brasil, para a minha colônia.

Ele, a princípio, pensou no Chile, para onde haviam seguido os 250 imigrantes, que se comprometeram comigo...

— Aqueles que desistiram, lá em Hamburgo, tio?

— Sim. E como é que ele agora resolve ir para a Colônia.

Dona Francisca e não para aqui, meu Deus! Todo sábio tem algo de louco. Mas Fritz, não!

— Deve ser engano ou confusão de quem informou ao meu pai.

— Você escreva logo para ele, pedindo-lhe melhores informações sobre o verdadeiro destino do Dr. Fritz Mueller, Reinhold!

— Vou escrever ainda hoje. Mas, tio, o Dr. Fritz Mueller é tão importante assim para o senhor?

— Meu sobrinho, vou te falar um pouco sobre ele, a fim de que fiques conhecendo um verdadeiro sábio.

Para a nossa Colônia isso seria formidável. Porque quando, na Alemanha, soubessem que o Dr. Fritz Mueller teria embarcado para a "Colônia do Dr. Blumenau", na Província de Santa Catarina, tal evento seria, para nós, um grande passo e maior propaganda, por isso que nos tornaríamos conhecidos, internacionalmente!

O Dr. Fritz Mueller, Reinhold, como também eu, somos amigos de Humboldt. Vou te dar uma pequena amostra desse sábio. Ele esteve aqui e na Ásia Central. Seus trabalhos contribuíram para o desenvolvimento da climatologia, da geologia, da biogeografia e da oceanografia; e também de Martius, que foi meu professor e meu grande amigo, professor de botânica e que esteve, também, no Brasil e escreveu um livro excepcional sobre a "Flora Brasiliensis".

Tanto Humboldt como Martius, são alemães e sábios de renome universal. E a eles devo a vinda para aqui, meu sobrinho.

Fritz Mueller sempre se corresponde e é amigo de Charles Darwin, naturalista e biólogo inglês. Escreveu muito sobre as origens das espécies, por meio de seleção natural e fez muitas observações a respeito das espécies, formando o corpo das doutrinas transformistas, chamadas "darwinismo". Darwin o chamou de "príncipe dos observadores".

Darwin só conheço por literatura. Mas o Dr. Fritz Mueller não é só seu amigo, como o biólogo inglês muito o admira pelo que ele tem escrito como naturalista e constantemente mantém, a respeito, correspondência com ele.

— É, meu tio, agora estou sentindo o que representa a vinda do Dr. Fritz Mueller para a nossa colônia.

— Reinhold, posso te garantir que vou atrair Fritz Mueller para aqui, custe o que custar! Conheci-o em Erfurt. Ele residia em casa do seu avô materno Tromsdorff, e um filho deste trabalhava comigo no laboratório farmacêutico, do qual eu era gerente. Daí conheci Fritz e nos tornarmos amigos. E tanto mais depois de melhor nos conhecermos e sentirmos as nossas tendências pelas coisas da natureza, ou melhor, os nossos sentimentos de naturalistas, isto é, por tudo o que existe na natureza, da qual somos enamorados.

— Mas tio, o que é um naturalista?

— Naturalista, meu sobrinho, é a pessoa que se dedica ao estudo das plantas, minerais e animais. Você sabia que Aristóteles, Plínio e Buffon foram grandes naturalistas? Por aí você pode ver,

meu sobrinho, a classe a que Fritz Mueller pertence. São também pessoas que preparam animais para conservação em coleções, taxidermistas.

Fritz Mueller, além do mais, é um desenhista primoroso, principalmente no apanhado natural das flores, frutos e insetos. Tal era a sua habilidade nesse particular, que o seu professor, Johansen Mueller, que não era seu parente, parece-me eminente botânico, confiou-lhe a ilustração de vários trabalhos científicos seus.

Estudou medicina, contrariado, pois ela nunca o tentou.

Nos últimos anos de seus estudos, envolveu-se em lutas políticas e doutrinárias, que então sacudiam a Prússia e demais Estados Alemães. Por isso, não chegou a terminar o seu curso.

Em consequência de uma vida agitada de moço, pouco regular e de convívio com livros e sábios da época, perdeu por completo a fé em que fora criado e educado pelos pais.

E aí, meu sobrinho, é que está o problema.

— Mas por que, tio, um sábio é um problema?

— Porque ele se tornou um sábio materialista, impiedoso e intransigente.

— Mas aqui na selva não tem importância o seu materialismo, tio!

— É o que você pensa, Reinhold! Quero colonos tementes a Deus! Que tenham religião, não importa qual seja, mas, que tenham fé e acreditem em Deus!

Reinhold, você sabe porque me meti aqui neste fim do mundo, nesta selva, cuja única saída é este rio maravilhoso

— Às vezes, tio, eu me pergunto exatamente isto!

— Meu pai, querido sobrinho, sempre me dizia: "Meu filho, se entre uma decisão importante, você puder colocar um bom travesseiro, onde possas passar uma tranqüila noite, refletindo, encontrarás sempre a mais sábia das decisões".

Nós somos, Reinhold, comandados por impulsos ou ímpetos emocionais, e às vezes nos precipitamos, ao tomarmos medidas que se melhores refletidas, não tomaríamos, porque nem sempre temos tempo e calma para as melhores e mais sábias reflexões.

Você sabe que a selva, à primeira vista, nos primeiros contatos, nos assusta, mas, com o tempo, vamos nos acostumando e com calma vamos dominando a própria selva bruta, como o escultor que trabalha o mármore bruto e gera a sua obra de artista?

Os colonos têm de enfrentar esse meio agreste para viverem e sobreviverem. Como vêm das aldeias e cidades, sentem essa transformação brusca, do confronto entre a mata virgem e a civilização em que viviam. E, na maioria das vezes, sofrem um trauma que, sem melhores reflexões, provoca o pânico que os leva à fuga.

Eu, em busca de um lugar para a localização da nossa futura colônia, quando aqui estive pela vez primeira, em companhia de Hackradt e Ângelo, correndo rios, córregos, ribeirões e matas, notei que aqui onde estamos neste momento, Reinhold, não havia uma pi-

cada por onde houvesse passado alguma "Bandeira". Havia apenas trilhas de índios!

Vi então que, atrás de nós, estavam a Serra do Mar e em cada lado, a selva virgem; à nossa frente, este rio maravilhoso, que estamos vendo agora, Reinhold. O caminho lógico para uma fuga segura.

Porém, meu caro sobrinho, ninguém enfrenta uma fuga a nado. Para se fugir, no nosso caso, seria preciso que se dispusesse do elemento da fuga, obviamente, a canoa ou a balsa.

— Já sei, tio, o que o senhor quer dizer.

— Então responda, Reinhold, — disse o Dr. Blumenau, sorrindo.

— Que o rio, simbolicamente, é o travesseiro!

— Exatamente, meu sobrinho! O que eu tive em mente foi, justamente dificultar a fuga, para que houvesse melhor reflexão e evitasse que os colonos fossem tomados pelo pânico e fugissem dominados por esses impulsos emocionais, que em tais situações nos assaltam.

Este rio encantador passou a ser, para mim, o mais suave, macio e o melhor de todos os travesseiros do meu mundo de colonizador!

— Mas, tio, esta sua filosofia nada tem a ver com a vinda do Dr. Fritz Mueller, para a nossa colônia!

— Tem sim! A criatura humana que tem sentimentos religiosos, seja qual for o seu credo, tem a força espiritual necessária para controlar os seus impulsos momentâneos que geram o medo e o pânico, e são muito mais dóceis na sua convivência social. É o que precisamos na colônia, para o bom e perfeito período de adaptação de que carecemos. Tornam-se, por isso, mais propensas a aceitarem a adversidade, tão comum nas nossas labutas diárias, porque os elementos em fúria da natureza não escolhem lugar nem hora, para se manifestarem. E é contra eles que temos as nossas maiores lutas. Para isso, precisamos de muito espírito de resignação e renúncia. Disse Jesus: "Livra-te dos ares, que dos males eu te livrarei". Assim dos índios, das cobras e feras, sabemos como nos defender.

É preciso, Reinhold, que tenhamos muita fé, quando uma tempestade ou uma enchente do rio nos atinge e nos arrebatam quase tudo. Necessitamos também de muita coragem para que possamos tudo de novo refazer. E um materialista, meu caro sobrinho, não tendo fé em Deus, em quem não acredita, não tem essa Fé, que remove montanhas.

Este o conflito que terei de defrontar, se, apesar de todos os pesares, tiver a sorte de receber Fritz Mueller em nossa Colônia. Sim, porque ele é um sábio. E, para enfrentá-lo, conto com a ajuda de Deus, que há de me inspirar a fórmula ideal para uma boa convivência.

Afinal — repito — ele é um sábio. Por isso, precisamos dele. O essencial, o bom, Reinhold, é que ele, como eu, somos dois enamorados da Natureza. Portanto, que ele seja bem-vindo à nossa Colônia, que, além de um colaborador altamente eficiente, terá nele um conselheiro e um mestre!

“Para mim, ele é o sábio e o senhor, tio, é o idealista”, arrematou Reinhold, entusiasmado.

Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau

(Compilado por Sueli M^a Vanzuita Petry)

Registro de uma petição de Manoel Francisco dos Santos. feita a esta Câmara, apresenta documentos para podermos informar a V. Exa. A Petição que se acha nesta Câmara requer de V. Exa. três sortes de terras inteirando seiscentas braças de frente e mil quinhentas de fundos, a Câmara deliberou que se informasse se a Petição do suplicante está de conformidade com os documentos.

Ilm.^o Exm.^o Sr. em cumprimento do respeitável despacho de V. Excia. de 12 de agosto do ano próximo passado, proferido na Petição do suplicante Manoel Francisco dos Santos, esta Câmara tem a informar a V. Exa. que tendo procedido as deligências da lei apresentou-se a esta Câmara oposição à pretensão do suplicante, por José Raimundo da Silva e outro, como consta do mesmo documento que junto acompanha o documento do suplicante, em virtude dos quais V. Exa. mandará o que achar de justiça. Paço da Câmara Municipal da Vila de Porto Belo, em sessão de 13 de janeiro de 1842.

Bernardo Dias Costa, João Corrêa Rebello, Antônio Moreira da Silva, Thomas Francisco Garcia, João Machado Airoso.

—*—

Registro da Informação dada pela Câmara em uma Petição de Francisco Antonio de Souza, morador na Freguesia do Itajaí, em que pede a S. Excia. meia légua de terras nos fundos das que extremam no mesmo rio e obteve o despacho de S. Excia. de 8 de maio de 1841.

Informação — Ilm.^o Exm.^o Sr. Presidente: a Câmara Municipal da Vila de Porto Belo, em virtude do despacho de V. Excia. de 8 de maio de 1841, tem a informar a V. Excia. que, procedendo às deligências da lei sobre a pretensão requerida pelos suplicantes, se estão devolutas, por quanto a esta Câmara não apresentaram reclamação alguma. A vista das respostas dos Eréos (?) esta Câmara acha estar nos termos de serem concedidas aos suplicantes, porém, sobre tudo V. Excia. mandará o que for justo. Vila de Porto Belo, 12 de julho de 1842. João da Cunha Bitancourt, Bernardo Dias da Costa, Antônio Moreira da Silva, Antônio de Souza Medeiros, Antônio José de Medeiros, João Corrêa Rebello.

Você Sabia?...

Frederico Kilian

... que a "Casa São José", que existia no local onde hoje se encontra a praça "Professor Mosimann" e que servia de hospedaria e reuniões aos sócios da Sociedade Católica São José, foi construída em 1905, com o material do antigo Barracão de Imigrantes...?

—*—

... que o Calendário "Der Urwalsaborw-Kalender", publicado em Blumenau, em 1900, era da autoria do Pastor Hermann Faulhaber e foi composto e impresso pela Christlichen Zeitschrifts-Verein de Berlim e foi o primeiro Almanaque do Vale do Itajaí?

—*—

... que a linha de transmissão elétrica entre as cidades de Indaial e Timbó, foi inaugurada em dezembro de 1947, sendo na mesma ocasião inaugurada a rede de distribuição de luz à cidade de Timbó?

—*—

... que o primeiro almanaque, publicado em língua alemã, em Santa Catarina, foi o "Santa Catarina Volkskalender" editado em 1864?

—*—

... que a localidade de Rio Morto, acima de Indaial, foi povoada em 1865, por algumas famílias de caboclos, moradores do litoral, cujos varões adultos preferiram expôr-se aos perigos do mato, do que deixar-se recrutar para os batalhões que foram enviados para o chaco paraguaio naquele ano?

—*—

... que, segundo o relatório do Dr. Blumenau, do ano de 1862, o pastor evangélico abriu uma escola particular para alunos que absolveram as primeiras letras, lecionando latim, português, alemão, francês e os elementos das matemáticas, geografia e história?

—*—

... que o médico Dr. Bernardo Knoblauch, formado na universidade de Iena, Alemanha, e engajado em conformidade de aviso ministerial de 16 de janeiro de 1862, iniciou seu trabalho em Blumenau, em 1.º de março do mesmo ano?

—*—

... que a primitiva capelinha de Belchior foi construída pelo colono Frederico Schramm, que emigrara da antiga colônia de São Pedro Alcântara, já antes da fundação da Colônia de Blumenau?

—*—

... que esta capelinha era dedicada ao Apóstolo São Pedro

e visitada de longe em longe pelo vigário de Joinville, o Padre Carlos?

—*—

... que só em 1858 veio residir em Belchior o Padre Alberto Gatone, que foi o primeiro vigário daquela localidade?

—*—

... que os trabalhos da Estrada de Ferro Santa Catarina, a cargo da firma Arthur Koppel & Cia, de Berlim, e sob a chefia dos engenheiros Groeber e Musika, tiveram início no dia 2 de dezembro de 1906 e que 62 anos depois foi erradicada por antieconômica?

—*—

... que a 12 de dezembro de 1879, Teodoro Kleine, Wilhelm Scheeffer, Luiz Sachleben, Otto Stutzer e Henrique Clasen, organizaram um "Conselho Administrativo" para fundar uma tipografia e que teve origem nesse Conselho a criação do semanário "Bluenauer Zeitung" que foi publicado por mais de 50 anos consecutivos?

—*—

... que a 9 de julho de 1890 foi inaugurada a agência telegráfica de Blumenau, sendo seu primeiro telegrafista o senhor João Corcoroca?

(Enxertos do Tomo IX de "Blumenau em Cadernos")

Sociedades

(Do livro de Paul Hering — Memórias — Aventuras e Anotações)

Diz-se do alemão que ele gosta de fundar e manter sociedades.

Assim também aconteceu em Blumenau ao tempo da colônia. Uma das primeiras sociedades foi a Sociedade de Tiro (Schützengesellschaft), que foi fundada a 2 de dezembro de 1859. Alguns anos depois fundou-se a Sociedade Teatral e o teatro que foi instalado na Casa dos Atiradores. O Cônsul Gaertner e sua esposa atuaram meritoriamente no teatro. Após a morte do Sr. Victor Gaertner o Sr. Gustav Salinger assumiu a direção e foi eficazmente auxiliado pela senhora Gaertner, que aliás era uma excelente atriz. Lamentavelmente ela apenas aceitava o papel se não havia outra pessoa que o pudesse desempenhar. Após a morte da senhora Gaertner e Salinger, foi minha irmã, Sra. Poethig (Nanny) que exerceu por muitos anos a regência. Nós jovens também fomos chamados para atuar no palco. Ainda me lembro da primeira peça em que atuei, intitulada "Lumpazi Vagabundus".

— DIA 1º — Transcorreu neste dia o décimo aniversário de fundação da Cia. de Urbanização de Blumenau, criada que foi pela lei municipal nr. 1.735. Até então, aquela empresa já pavimentou 696 mil metros quadrados de ruas, correspondente a um total de noventa e oito quilômetros de ruas, com largura de 7 metros. A produção de concreto, em sua fábrica, atingiu até então, cerca de 37 mil metros cúbicos, tendo produzido também 273 mil tubos de concreto, 185 mil meio-fios e cinco milhões de lajotas para calçamento.

— DIA 2 — Em regozijo pela passagem dos 17 anos de ensino superior, a FURB realizou no saguão principal, a solenidade de abertura da exposição denominada “Três Linguagens Plásticas”, ocasião em que apresentou-se o Coral Universitário Livre, pela primeira vez, sob a regência do maestro Frank Graf. Os expositores foram: Guido Heuer, com trabalhos em metal, Suely Beduschi, objetos e Edla Pfau, entalhes.

— DIA 2 — A convite da Delegacia Regional do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, o assessor especial do Meio Ambiente da Prefeitura de Blumenau, professor Alceu Longo, proferiu, às 14 horas, palestra sobre “A Proteção Local dos Recursos Naturais” na sede do IBDF.

— DIA 5 — No Teatro Carlos Gomes, foi apresentada “Noite de Operata”, pelo Teatro Lírico de Equipe, de São Paulo.

— DIA 5 — A Associação Catarinense de Preservação da Natureza — ACAPRENA — entregou, às 17 horas, no Teatro de Bolso Prof. Rodolfo Gerlach, os prêmios a que fizeram jus os vencedores do concurso de fotografias “Santa Catarina, Natureza Preservada e Natureza Destruída”, promovido em conjunto pelo Museu de Ecologia “Fritz Mueller”, AEMA e ACAPRENA. No concurso foram inscritas 233 fotos, sendo 149 coloridas, 18 preto e branco, 30 “foto-caçada” e 26 slides.

— DIA 6 — No Centro Cultural 25 de Julho, realizou-se o Encontro de Corais, com a participação de Corais de Curitiba, Itajaí e do Clube anfitrião.

— DIA 11 — No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se o pianista Jacques Klein, com um aplaudido Recital, promoção da “Pró-Música de Blumenau.

— DIA 13 — Tendo por local a sede do Centro Cultural 25 de Julho, realizou-se grandiosa festa comemorativa das “Bodas de Ouro

do estimado casal blumenauense Erich Kielwagen e esposa dona Ella. O acontecimento foi festejado por centenas de pessoas amigas e parentes, num ambiente dos mais alegres e com motivações especiais, como decorações específicas relacionadas com a profissão de Erich — ferreiro artesanal —, o que deu um toque especial ao acontecimento. A solenidade religiosa aconteceu às 18,30 horas na Igreja Evangélica do Centro.

* * *

— DIA 14 — Com a presença de centenas de pessoas, o prefeito Renato Vianna inaugurou uma das mais importantes obras no setor viário da sua administração, ou seja, o novo traçado da rua dos Caçadores, no bairro da Velha, em cuja retificação e alargamento a municipalidade investiu a soma de vinte milhões de cruzeiros. A obra exigiu o alargamento do leito em quatro quilômetros, de 6 para 15 metros de largura, o plantio de 600 árvores, a execução de sementeira para evitar erosão futura numa área de 10 mil metros quadrados de cortes e aterros, a recolocação de 86 postes de energia, implantação de 500 metros de canalização, construção de uma galeria de concreto armado de 25 metros de comprimento e a movimentação em terraplenagem de 50 mil metros cúbicos de terra.

* * *

— DIA 15 — Naquele dia entraram em funcionamento, na rede de assistência médica da Secretaria de Saúde da Prefeitura de Blumenau, mais quatro ambulatórios médicos, localizados respectivamente nos centros sociais da Fortaleza, Três Peixinhos, Garcia Jordão e na escola Henrique Alfarth, à rua Rui Barbosa, bairro Garcia. Com esse melhoramento, a estrutura de atendimento médico da Prefeitura totaliza agora 20 (vinte) ambulatórios e 16 (dezesseis) profissionais de clínica geral prestam serviços.

* * *

— No Museu da Arte de Santa Catarina, realizou-se a solenidade de inauguração da mostra individual de Nilson Delai, acontecimento que teve o apoio da Fundação Catarinense de Cultura.

* * *

— DIA 23 — Com um jantar realizado no Hotel Plaza Hering, a Associação Brasileira das Empresas Organizadoras de Congresso e Convenções instalou a sede regional da mesma em Santa Catarina, com sede em Blumenau. O ato foi presidido pelo presidente José Maria Eimel e na regional catarinense foi empossado o empresário blumenauense Caetano Deeke de Figueiredo.

* * *

— DIA 24 — Na Escola Básica Municipal "Alberto Stein", o coral Camerata Vocale apresentou um recital denominado "Noite de São João", perante numerosa e seleta assistência.

* * *

— DIA 26 — No Teatro de Bolso Prof. Rodolfo Gerlach, as alunas do Curso de Educação Artística da FURB apresentaram peça denominada "As Aventuras de um Diabo Malandro".

CRISPIM MIRA

Enéas Athanázio

O ano de 1980 marcou o transcurso do centenário de nascimento de Crispim Mira. Esse escritor e jornalista catarinense destacou-se pela combatividade e pela coragem das posições assumidas, tanto que acabou assassinado na mesa de trabalho, na redação de seu jornal, com apenas quarenta e sete anos de idade. O episódio de sua morte, uma das páginas mais melancólicas da história de nosso Estado, teve intensa repercussão, provocando diversas homenagens postumas com as quais enganamos a nos mesmos na inútil tentativa de reparar na morte o respeito e a consideração que não soubemos conferir em vida. Pois, como dizia Erico Verissimo, levar flores ao cemitério é frívolo e fácil; o que realmente vale é tratar bem as pessoas enquanto estão entre nós.

Fazendo do jornalismo a sua profissão, é natural que a obra literária de Crispim Mira fosse reduzida, ainda mais que faleceu tão cedo. Dois de seus livros, entretanto, se tornaram muito conhecidos e conquistaram geral agrado: "Terra Catarinense" e "Crimes e Aventuras dos Irmãos Brocato".

Essa obra, no entanto, não tem merecido a devida atenção, rareando no correr dos anos as manifestações a seu respeito. Celestino Sachet, em seu livro "A Literatura de Santa Catarina", dedicou a Mira algumas informações biográficas e considerações críticas. Pretendendo o autor dar num só volume uma visão panorâmica das letras no Estado, impunha-se esse critério sintético, não se constituindo em defeito da obra, embora deixe o leitor interessado à míngua de melhores informações. Não posso concordar apenas com a colocação de Crispim Mira entre os escritores de Joinville. Pelo renome alcançado, pela repercussão de seus trabalhos e pelo fato de ser patrono de uma cadeira na ACL, entendo eu que se trata de um escritor que não se circunscreve aos limites de sua cidade natal.

"Crimes e Aventuras dos Irmãos Brocato", narrativa verdadeira com acentuado sabor jornalístico, relata com minúcias a trajetória criminosa dos sicilianos Thomaz e Domingos Brocato desde a terra de origem, registrando seus passos em Buenos Aires, no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e Caxias, até o trágico final na cidade de Lages. A narrativa demonstra extensa pesquisa, valendo-se o autor de depoimentos de pessoas conhecedoras do assunto, de leitura de processos judiciais, das páginas do incrível "Diário" de Domingos Brocato e de outras fontes. Ao longo dessas páginas vai transmitindo as suas convicções na existência do "criminoso nato", acatando assim os postulados da Escola Positiva, ainda em grande evidência na época em que escreveu. Em que pese a ostensiva posição de Mira contra os irmãos italianos, no homicídio de Ernesto Canozzi, não posso esconder a dúvida que me assalta durante a leitura, com relação à autoria do crime, tão frágeis e inconsistentes me parecem

os indícios com base nos quais foram acusados. Nem a prolongada sentença de pronúncia logrou afastar as incertezas, o que só veio a ocorrer no final, — como o autor habilmente desejava, — ante a cabal confissão judicial de Domingos. É um livro de leitura interessante, embora escrito sem a preocupação de fazer literatura, e que desvenda aspectos curiosos da nossa maneira de ser, a boa-fé da nossa gente e a inacreditável audácia de charlatões que aqui vieram para enriquecer a qualquer custo.

Esse livro foi publicado, em segunda edição, nos "Arquivos Catarinenses de Medicina", em março de 1978, reproduzido o texto, evidentemente atualizado, da primeira edição, lançada pelos Editores Irmãos Bainha, da Tipografia Pátria, da cidade de Laguna, em 1917. Traz um excelente ensaio introdutório a respeito do autor, subscrito por Carlos Gomes de Oliveira, indispensável ao conhecimento do infeliz escritor conterrâneo.

Foi, porém, "Terra Catarinense" que maior destaque deu ao seu autor. Monteiro Lobato, à época o nome mais influente das letras nacionais, dedicou-lhe nada menos que duas longas crônicas, ambas incluídas mais tarde no volume "A Onda Verde" (1). Lamentando a má apresentação do volume, que considerou "um exemplar típico da arte livresca nas zonas onde Gutemberg não vai lá de pernas", o escritor paulista não lhe regateou elogios. Acentuando a visão ecológica do autor, a sua clareza e sinceridade (sem a qual Lobato não admitia a criação literária), enfatizou: "É escrita, além disso, em bom estilo, sóbrio sem secura, singelo sem vulgaridade, e pitoresco sem galhardia excessiva de regionalismo". Alonga-se, depois, em páginas de autêntica admiração, em comentários às descrições feitas por Crispim Mira da dança dos tangarás, concluindo que ele soube dar "a impressão exata, quase a sensação da terra catarinense". Na outra crônica, retomando o mesmo livro, estende-se em considerações a respeito do fuzilamento do Barão de Batovi. Relembrando que esses artigos foram estampados nas páginas da célebre "Revista do Brasil" e traziam a "marca" lobateana, é fácil aquilatar a sua repercussão.

A vida e a obra de Crispim Mira estão a merecer um estudo de fôlego. Seus livros, trabalhos esparsos, reportagens e tudo mais merecem ser tirados do esquecimento, sacudindo-se a poeira que o tempo vem acumulando, eis que falar de sua obra, lendo-a e discutindo-a, é a homenagem maior que se possa prestar ao escritor. Mormente se ele revela qualidades capazes de agradar a um dos mais exigentes paladares críticos do seu tempo, como é o caso do taubateano.

—*—

(1) "Os Tangarás" e "Dramas da Crueldade", in "A Onda Verde", de Monteiro Lobato, Editora Brasiliense, S. Paulo, 1959, págs. 47/52 e 71/76. Crispim Mira também teve artigos publicados na "Revista do Brasil", a exemplo do que aparece no n.º 67, de julho de 1921, págs. 369/370.

Acampamento Escoteiro

Alfredo Scottini

Há muito estava o convite feito. A tropa dois do Grupo Escoteiro Leões deveria acampar com o Grupo Escoteiro Desbravador de São Bento do Sul na fazenda Espanha de Dom Paco Péricas. Marcou-se o dia 27 para começar e continuar pelo dia 28. Era manhã cedinho, quando o ônibus da Catarinense nas mãos do sr. Rolando rumou para a serra. Havia 28 escoteiros da tropa dois a bordo, junto com Dom Paco e Familiares. O chefe Guilherme Weinzierl comandava a tropa, auxiliado pelo chefe Willy Peter. A mim tocou a honra de ser o cronista-mor. A viagem trocou as paisagens entre conversas e histórias. Emergiram muitos fatos pitorescos. Todos sabiam contar alguma novidade. Não faltou o vinho do anfitrião, servido somente à chefia e aos adultos. Escoteiro não pode e não bebe em serviço, ainda mais menor. O vinho branco escorria de um bernal de couro caprino, vindo lá dos Pirineus.

Transpusemos a serra, contornamos pinheiros e chegamos ao platô do acampamento. As barracas brotaram em todos os cantos, espalhadas nos pontos mais estratégicos. O pessoal de São Bento sob o comando do chefe Nilo e Robson (o "Salsicha"), também, armaram as suas. O meio-dia se aproximava e a fome não esperava. Todas as patrulhas deviam cozinhar o almoço. O fazendeiro convidou-me a provar um peixe à catalana com vinhos muito finos. Estavam comensais o sr. Wander, o sr. Estélio, o sr. Lourival, todos convidados de Dom Paco. No começo da tarde houve o hasteamento oficial e todos os escoteiros se entregaram a atividades programadas. Como a minha agenda não marcava nada de especial, aceitei o convite da barraca para uma soneca aos ventos do planalto.

À noite, a fogueira foi acesa com vivas. O churrasco lançou odores em todas as direções. Os escoteiros fizeram a filinha civilizada e começaram o jantar. Os convidados do estancieiro foram intimados a picanhas e lombinhos de suíno à espanhola. Após o churrasco, os escoteiros se entregaram a atividades noturnas, ao jogo de tocaia. Houve um acidente hilariante: dois escoteiros escondidos dos adversários adormeceram e foi difícil encontrá-los. Enquanto isso, a fogueira brilhava e o povaréu da região foi chegando em seus trajes caipiras — originais. Todos os habitantes das cercanias foram convidados para um quentão e para o baile. O gaiteiro chegou e a sanfona resfolegava melodias. O rancho da dança é pequeno e chão batido.

Nada arrefecia o entusiasmo dos dançarinos. Pularam e dançaram madrugada adentro. Os galos já cantavam, quando terminaram os festejos. No domingo diversos escoteiros fizeram a promessa e a chefia entregou uma insígnia feita de couro a Dom Paco, como agradecimento pelas tantas gentilezas feitas ao grupo escoteiro. Muitas pessoas de São Bento aplaudiram o encerramento. Todos os escoteiros hão de guardar na memória o acampamento na fazenda Espanha de Dom Paco.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), editado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 22 de maio de 1869.

Colônia Blumenau. — No ano de 1868, a Colônia teve um acréscimo de 1.735 habitantes, entre os quais, além dos novos imigrantes, antigos moradores de outras colônias e algumas famílias brasileiras. O total de habitantes é de 5.126. As 7 escolas existentes na Colônia, isto é, duas escolas públicas e 5 particulares, são frequentadas por 292 alunos, um número que não corresponde à população infantil. A agricultura desenvolve-se satisfatória e regularmente, apesar das chuvas torrenciais no fim do ano passado, as quais causaram enormes prejuízos. A exportação teve um total de 78.580 Milreis e a importação 98.000 Milreis. A Colônia possui 360 moinhos e empresas industriais de diversos ramos. Os trabalhos públicos, atrasados e interrompidos pelas chuvas, alcançaram pouco progresso: Foram concluídos 30.888 metros de caminhos, algumas pontes e trabalhos em terra. O Diretor pede a construção urgente de estradas que permitam fácil comunicação com os distritos de criação de gado do Vale do Itajaí e com os dos Planalto, situados no Oeste da Serra.

Notícia de 23 de abril de 1870.

Antonina, Paraná. — As notícias são alarmantes. A febre amarela grassa com tal intensidade na cidade, que a mesma já está quase despovoada. O médico alemão, Dr. Breithaupt, antigamente residente em Blumenau, assim como o farmacêutico e um outro médico alemão, Dr. Rechsteiner, já faleceram em consequência da moléstia. O médico alemão Dr. Lahife, de Curitiba, foi incumbido pela Presidência, de organizar uma equipe de enfermeiros, remunerados pelo Governo. De acordo com as mais recentes notícias, também o Dr. Lahife faleceu, no cumprimento do seu dever, vítima da febre amarela.

Notícia de 14 de maio de 1870.

Colônia Dona Francisca. — Segundo notícias provenientes de Antonina, Paraná, a febre amarela cedeu naquela cidade, depois de ter vitimado grande número de pessoas. Por exemplo, de uma família composta de 15 pessoas, faleceram 13, deixando ao desamparo dois filhos menores. Dos imigrantes alemães, antigamente radicados em Dona Francisca, faleceram o marceneiro KÜCHLER e o colono

Schlottag Jr., enquanto o Dr. Lahife, médico alemão, dado como falecido, continua gozando boa saúde. O referido médico prestou enormes serviços no combate à epidemia, salvando inúmeros doentes.

Notícia de 28 de maio de 1870.

Colônia Blumenau. — Os nossos leitores devem estar lembrados que na Exposição Mundial de Paris foi concedido um prêmio de 10.000 francos à Colônia Blumenau. O Ministério da Agricultura incumbiu o Ministro das Finanças de enviar a soma de 9.000 francos a Blumenau, por intermédio da Presidência de Santa Catarina. Esta importância servirá para a construção de um edifício escolar em Blumenau. Os restantes 1.000 francos foram substituídos por uma grande medalha de ouro, que ficará depositada no Museu Nacional.

Notícia do mesmo dia.

Para a restauração da Casa de Oração Evangélica provisória foram concedidos pela Presidência 263\$280 Réis, mas esta importância deverá ser descontada das dívidas dos colonos por áreas adquiridas, segundo o Artigo 23 da "Kolonie-Ordnung" (Regulamentação da Colônia), de 9 de janeiro de 1867.

*—

A coleção do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

Curiosidades de uma época - IV

"OS AVIÕES ESPERADOS EM BLUMENAU NA DÉCADA DOS 20s"

S. C. Wahle

Por duas vezes lembro-me, no tempo de calças curtas, de que a chegada de um avião a Blumenau causou certo alvoroço.

Primeiramente, certo dia surgiu um boato de que um avião ia pousar no morro dos padres, aos fundos das propriedades dos franciscanos. Em pouco tempo, o morro estava repleto de pessoas, e o receio seria que se o avião resolvesse mesmo chegar, não haveria lugar para pousar.

Uma outra vez foi anunciada a chegada do Dr. Vitor Konder, na época Ministro da Viação, em um hidroplano Dornier Val, do então Sindicato Condor.

Informou-se que o hidroavião iria amerissar no Rio Itajaí Açu, um pouco acima de Gaspar, onde o rio forma uma reta de aproximadamente 1.000 metros. Como não podia deixar de ser naquela época, não faltaram barracas de cerveja e churrasco. Esperou-se a manhã e a tarde toda, quando, ao anoitecer, veio a notícia de que o ministro tinha amerissado na sua cidade natal, em Itajaí, e nem havia cogitado pousar perto de Gaspar. No entanto, tinha havido uma boa festa, com muita cerveja e churrasco...

Manoel Pereira da Silva Jr.

No ano de 1939 — não lembro bem o mês, talvez setembro —, quando passava por Blumenau, procedente de Joinville, viajando pela Empresa Auto-Viação Catarinense e com destino a Florianópolis, aonde, juntamente com outros cinco colegas ia submeter-me ao exame final de rádio-telegrafista, tive a oportunidade de conhecer um dos primeiros locutores de rádio que deram início à primeira fase da rádio-fonia catarinense: Manoel Pereira da Silva Junior. Ele era locutor chefe da Rádio Clube de Blumenau, que tinha o prefixo de PRC-4 e o estudio localizava-se na rua Capitão Euclides de Castro. Conheci-o, porque fora encarregado por um seu amigo e colega de Joinville, atuante da Rádio Difusora, de entregar-lhe em mãos uma carta. Pereira Júnior recebeu-me com a afabilidade que sempre caracterizou sua personalidade e aproveitou para mostrar-me, assim como aos colegas que me acompanhavam na visita, todas as dependências muito acanhadas, por sinal, em relação o que hoje se observa nas emissoras de rádio — mas bastante confortáveis e modernas para a época. Pereira Júnior ainda apresentou-nos um colega seu, natural de uma cidade gaucha, cujo nome não estou mais lembrado.

A verdade é que, ao conhecer o então jovem Pereira Júnior, há cerca de quarenta anos passados, nunca poderia imaginar, que neste ano de 1981, caberia a mim a triste missão, como redator de uma revista que José Ferreira da Silva fundaria em 1957 — Blumenau em Cadernos — de redigir e publicar esta nota na qual faço o registro do falecimento daquele que foi, nos longos anos em que atuou na rádio-fonia blumenauense, considerado o mais abalizado, criterioso e honrado jornalista e cronista esportivo.

De todos os defeitos que todos nós, pobres seres humanos temos, Pereira Júnior fazia sobressair-se de sua personalidade profissional, de seus trabalhos à frente do microfone, a sinceridade e o espírito de justiça no que dizia. Nunca soubemos que ele tenha ofendido a quem quer que seja, caluniado ou torcido a verdade. Procurava contornar os problemas, buscando nessas atitudes conservar amizades e o respeito pela sua conduta. Teve amigos em todas as camadas sociais, sem saber nunca distinguir esta ou aquela amizade, tão equilibrados eram seus sentimentos de humildade. Por isso mesmo, ao deixar o rádio para dedicar-se às funções de ferroviário, deixou uma lacuna e ao mesmo tempo um exemplo a ser seguido. Nas novas funções para as quais fora nomeado, na Estrada de Ferro Santa Catarina, onde, mais tarde veio a aposentar-se, Pereira Júnior continuou a ser o mesmo personagem afável, comunicativo e bom. Formou ao lado de Luiz Reis, João Vieira, respectivamente conhecidos nas lides jornalísticas por Lulu e Mano Jango, assim como de tantos outros, um quadro de excelentes colaboradores com a alta direção daquela ferrovia.

Ao aposentar-se, Pereira Júnior continuou bem ligado às lides

esportivas amadoristas de seu clube de coração, o Grêmio Esportivo Olímpico, ao qual prestou assinalados serviços, principalmente no setor de secretaria. Todavia, quando radio-jornalista, jamais deixou de manter-se dentro do equilíbrio emocional que o fazia imparcial em seus comentários e justo nas críticas, deixando de lado os mais profundos sentimentos de simpatia que mantinha pelo seu clube predileto. Daí a razão da estima geral em que sempre foi tido.

Pereira Júnior, faleceu aos 66 anos de idade, vítima de pertinaz enfermidade que o atingiu e o levou para o oriente eterno em menos de sete meses. Até então era visto todos os dias pela cidade e continuava sempre presente no estádio do Olímpico, do cuja agremiação jamais se desligou. Manoel Pereira da Silva Júnior, que era natural do Paraná, era casado com dona Ingeborg (Mausi), da família Hahn, com a qual teve três filhos: Aysil, casada com o cel. Hans Boehme, Elenora, casada com Manfredo Hutzemann e Ivan. Do casamento de seus filhos, Pereira teve a felicidade de conhecer ainda sete netos.

O falecimento de Pereira Júnior ocorreu na noite de quarta-feira, dia 22 de julho. Seu corpo foi velado e muito visitado por parentes e amigos de todas as épocas no necrotério do Hospital Santa Isabel, de onde saiu o féretro para o sepultamento às 17 horas do dia seguinte, para o cemitério da Rua São José, com grande acompanhamento.

Ao fazermos o registro do infausto passamento daquele que foi um dos pioneiros da radiofonia catarinense, externamos à família enlutada a manifestação de pesar pessoal e de "Blumenau em Cadernos".

José Gonçalves

Missão de Weingarten visita a Prefeitura de Blumenau

O prefeito Renato de Mello Vianna recebeu às 11 horas do dia 28 em seu gabinete o Sr. Josef Murcher, vereador do Partido Democrata Cristão, da Cidade Weingarten, Alemanha Ocidental que na ocasião se fazia acompanhar pelo empresário Kurt Rief e os professores Johann Lay e Germano Suessegger, este ex-professor do Colégio Franciscano Santo Antônio, atualmente lecionando no Colégio do Estado, naquela cidade alemã. O tradutor oficial do município Sr. Alfredo Wilhelm, acompanhou a missão.

Como curiosidade e para demonstração da amizade que liga Blumenau a Weingarten, o vereador democrata-cristão disse ao prefeito Vianna que em cada dia 2 de setembro, quando se comemora o aniversário de fundação de Blumenau, a prefeitura de Weingarten faz hastear a bandeira do município catarinense.

Um esclarecimento

Com referência aos comentários do Dr. Afonso Rabe, publicados em "Blumenau em Cadernos", nº 6, 1981, a respeito do meu trabalho, publicado na mesma revista, nº 4, Abril 1981:

CURIOSIDADE DE UMA ÉPOCA — I

O Delegado de Higiene (Década dos 20s)

Desejo em primeiro lugar expressar os meus agradecimentos e apresentar o meu profundo respeito.

Não é minha intenção abrir polêmica sobre os seguintes dizeres: "... médico, recentemente feito Delegado de Higiene e usava uma placa oficial da prefeitura, com as iniciais D. H. no carro oficial, para atender sua clínica particular".

Era, porém, a voz do povo da época, e, eu, simplesmente limito-me a reproduzir cenas ou conversas prevalecentes naqueles tempos.

Entretanto é preciso considerar sempre que a reputação da pessoa é dada pelo povo a quem serve.

Ninguém mais categorizado do que o Dr. Afonso Rabe em dar esclarecimentos de como funcionava a Delegacia de Higiene, com todas as privações a que estavam sujeitos os Delegados de Higiene.

Acho perfeitamente justo o Dr. Afonso Rabe ir em defesa da honorabilidade de um colega, sobretudo, quando a reputação do procedimento não comprovável seja oriundo da voz do povo.

Conheço o Dr. Afonso Rabe desde a minha infância, e tenho tido a oportunidade de acompanhar, mesmo que de longe, as suas atividades e sem favor a ninguém, representa um patrimônio de Blumenau.

Siegfried C. Walile

Banco do Estado de São Paulo SA

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Biblioteca Ambulante entregou prêmios

Em solenidade realizada na Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller", foram entregues na tarde de 17 do corrente os prêmios aos vencedores do Concurso de Redação sobre o Ano Internacional da Pessoa Deficiente, promovido pela Biblioteca Ambulante, órgão vinculado à Fundação Casa Dr. Blumenau.

Participaram do concurso: onze Escolas da rede blumenauense de ensino, sendo premiado o melhor trabalho de cada escola a nível de 3ª à 4ª e 5ª à 8ª séries.

PRÊMIO HABITASUL

(16 Cadernetas de Poupança no valor de 500 cruzeiros cada)

- Escola Reunida Municipal Henrique Alfarth (Progresso)
SANDRO MAURO BARTH
- Escola Básica Isolete Müller (Garcia)
MARINEUSA NICOLETTI
- Escola Básica Conselheiro Mafra (Velha Grande)
MAURICI P. SCHNEIDER - 3ª série
- Escola Básica Municipal Quintino Bocaiúva (Testo Salto)
DENISE JEANE GREUEL - 3ª série
ATALIBA R. ALMEIDA JÚNIOR - 4ª série
- Escola Básica Felipe Schmidt (Itoupavazinha)
MIRIAM FRANKE - 8ª série
SORAIA SOARES - 4ª série
- Escola Básica Áurea P. Gomes (Salto do Norte)
CINTIA MAY - 3ª série
EDENIR CARDOSO - 8ª série
- Escola Básica Leoberto Leal (Salto do Norte)
GERSON GÜTHZ - 4ª série
ROSETE A. RINKUS - 6ª série
- Escola Básica D. Pedro I (Itoupava Central)
ELIANA FÁTIMA PRINN - 5ª série
- Escola Básica Padre José Mauricio (Progresso)
ROSANA DOS SANTOS - 7ª série
SUZANA KLABUNDE - 4ª série
- Escola Básica Emilio Baungarten (Itoupava Central)
MARIANA INEICHEN - 8ª série
- Escola Básica Municipal D. Pedro II (Garcia Alto)
SOLANGE BACHMANN - 8ª série

PRÊMIO FUNDAÇÃO TEÓFILO B. ZADROZNY

(cinco prêmios de mil cruzeiros cada)

- Escola Básica Municipal Felipe Schmidt (Itoupavazinha)
SORAIA SOARES - 4ª série
- Escola Básica Leoberto Leal (Salto do Norte)
GERSON GÜTHS - 4ª série
ROSETE A. RINKUS - 6ª série
- Escola Básica Municipal D. Pedro II (Garcia Alto)
SOLANGE BACHMANN - 8ª série

— Escola Básica Emilio Baumgarten (Itoupava Central)

MARIANA INEICHEN - 8ª série

A seleção dos trabalhos foi feita pelas professoras Maryenise Belli Zermiani e Ruth Maria Rodrigues, ambas da APAE — Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, e que assim manifestaram-se a respeito das redações concorrentes.

Surpreendeu-nos a variedade de abordagem, nível de conscientização, e profundidade de sentimento, tornando-se difícil a nossa tarefa. Em cada um, estava nitido o amor pelo próximo, nosso irmão deficiente. Gostaríamos de classificar todos os trabalhos, pois todos têm seu mérito. Ficamos com a certeza de que nossa juventude está sendo formada em bases firmes, tendo como principais qualidades o SENTIMENTO DE HUMANIDADE, AMOR AO PRÓXIMO, JUSTIÇA E CRENÇA EM UM SER SUPERIOR.

Fundação faz palestras

Abordando temas históricos relacionados à região do Vale do Itajaí-Açu e também aspectos técnicos-administrativos nas áreas de biblioteconomia e museologia, a Fundação Casa Dr. Blumenau vem realizando palestra e conferências em diversas instituições sócio-culturais da cidade e capital do Estado.

Em junho a professora Sueli Maria Vanzuita Petry, a convite da Fundação Catarinense de Cultura discorreu sobre a "História Local e Conservação de Documentos" a professores, bibliotecários e alunos do Curso de Biblioteconomia. A palestra proferida por Sueli Petry fez parte do programa comemorativo dos 127 anos de fundação da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Além da palestrante blumenauense também foram conferencistas os professores Theobaldo Costa Jamundá (A Biblioteca nas Raízes Intelectuais do Nordeste Brasileiro). Eliana Lúcia Cortez Pessoa (bibliotecária do INL) que discorreu sobre "A Biblioteca como agente de informação à comunidade", e a bibliotecária Eliana Bahia Dutra que falou sobre a "Restauração de Livros e Documentos".

ROTARY

No dia 14 deste mês o jornalista e escritor José Gonçalves, diretor executivo desta Fundação, foi o convidado do Rotary Club de Blumenau para o almoço semanal, tendo na ocasião proferido palestra sobre as atividades da instituição cultural que dirige e especialmente em torno da Biblioteca Ambulante, cujo veículo foi doado, em 1976, por aquele Clube de Serviço. Do almoço Gonçalves retornou muito otimista quanto à continuidade do apoio que a Fundação continuará a receber daquela associação de homens representativos das classes produtoras de Blumenau.

Ainda no dia 29 do mês corrente José Gonçalves proferiu nova palestra, desta vez aos associados do Rotary Clube Hermann Blumenau. Aos rotarianos o diretor executivo da Fundação discorreu sobre a Vida e Obra do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

20 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

